

CENÁRIOS

Barros prevê nova fase do Real

BC será menos rigoroso, diz secretário de Política Econômica, e taxas de juros serão menores em 1996

BEATRIZ ABREU
e LUI AIKO

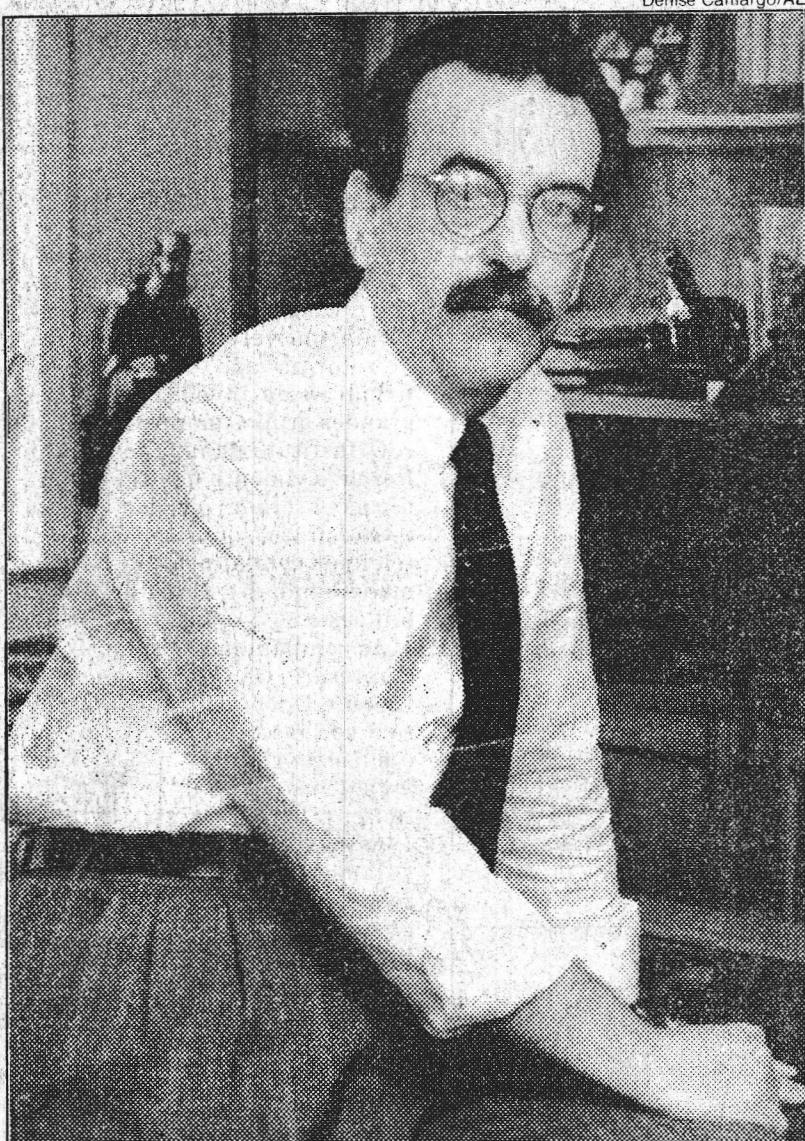
BRASÍLIA — As medidas de balanço de crédito adotadas esta semana abrem uma nova fase na condução do Plano Real. As taxas de juros não vão ficar tão altas no próximo ano e tampouco o Banco Central será tão severo no controle do dinheiro na economia. Esta pelo menos é a avaliação do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, durante conversa com o Estado.

Ele está otimista e acredita que o pior já passou para todos os setores econômicos, embora o governo ainda tenha de enfrentar quatro desafios: o ajuste fiscal, a continuidade do processo de reestruturação dos bancos, aumento da poupança interna e uma política de emprego.

Dante da constatação de que não haverá um boom de consumo neste final de ano, o Banco Central pode, daqui para frente, atuar com maior liberdade na política monetária. Não se trata de "um dia para noite" se promover uma queda brusca das taxas de juros, formadas pelo BC. Mas de adotar uma estratégia em que, também gradativamente, as taxas de juros dos empréstimos começem a cair. Não está afastada, por exemplo, uma redução do IOF que incide sobre os empréstimos, "no momento oportuno", acompanhado de um abrandamento dos depósitos compulsórios, o dinheiro que os bancos, compulsoriamente, recolhem ao Banco Central.

Esta avaliação otimista tem como pano de fundo a constatação de que trabalhadores, empresários e banqueiros entendem que a inflação se manterá baixa nos próximos meses. E não se pode mais esperar pelos ganhos financeiros proporcionados pelos elevados índices inflacionários.

"Todos fizeram seu próprio processo de ajuste", insiste Mendonça de Barros, que não tem dúvidas de que o processo de estabilização atingiu a todos indistintamente. O que permite prever que em 1996 a economia se comportará sem sobressaltos. Ele não considera, por exemplo, oscilações bruscas no comportamento da produção industrial, como ocorreu este ano. Todos os setores devem apresentar um comportamento uniforme, sem os solavancos em que alguns aumentam demais e outros redu-



Denise Camargo/AE

Mendonça de Barros: BC menos severo no controle do dinheiro em 96

zem assustadoramente na produção.

O cenário só não é melhor porque o próprio governo não conseguiu fazer o ajuste fiscal e ainda tem de solucionar problemas não menos complexos como a reestruturação dos bancos, montagem de uma política de emprego e o desafio maior de aumentar a capacidade de poupança do País, para bancar um crescimento sustentado da economia. No caso do ajuste fiscal, a questão se subdivide. Do lado do governo federal, a mola mestre continua sendo o controle dos gastos. As despesas com pessoal não vão aumentar e já atigiram o pico de 1989, apesar dos salários ainda serem baixos.

Como se comportaram consumidores, empresários e banqueiros.

Consumidores — Os consumidores se ajustaram a partir do momento em que constataram

que se endividaram. Foi frustrada a expectativa de que um aumento de salário iria repôr a inflação passada. Nos meses de outubro de 1994 a abril deste ano, o consumo aumentou 20% e a produção industrial teve um crescimento de 15%.

Quando os consumidores se convenceram de que não há mais indexação salarial, reprogramaram gastos e se enquadram no plano. Os trabalhadores autônomos, como empregados domésticos e os que operam no setor de serviços foram os únicos que se beneficiaram com o Plano Real. Para eles, houve um aumento da renda real de 25%.

Empresas — O ajuste das empresas foi feito pelo lado de maior racionalização da produção. Agora, elas perseguem o ganho de produtividade. Muitos setores viveram uma experiência nova: venderam mais, em termos quantitativos, mas não conseguiram um aumento expressivo de receita. Os preços se mantiveram estáveis e até caíram em alguns casos.

Se poderia dizer que "entre mortos e feridos" todos se salvaram. O comportamento das vendas não será igual ao do ano passado, mas também não será tão ruim assim. Dependendo do setor, houve ganhos, como o de insumos agrícolas. As empresas também passaram pelo processo de ajuste e não estão mais se endividando. Entenderam que a estabilização — inflação baixa — veio para ficar. Não dá mais para contar com receita inflacionária.

Crescimento — A previsão é de que em 1996 não haverá tanta oscilação entre os setores produtivos, como aconteceu este ano. O crescimento da economia será uniforme. Não se deve esperar um bom desempenho econômico no primeiro trimestre, até porque sazonalmente é um período de reposição de estoques. Apenas no ano passado é que o comportamento foi atípico, em função do aumento das importações.

Bancos — Os bancos estão enfrentando "de cara" o ajuste. Não se prepararam para viver com inflação baixa. A equipe econômica acredita que a reestruturação do setor financeiro será um dos desafios do próximo ano. As medidas de socorro aos bancos foram necessárias, até pela função multiplicadora de recursos que tem uma instituição financeira.

Uma empresa quando fecha tem prejuízo é diferente de um banco com dificuldades financeiras, porque quando ele quebra vai junto o dinheiro do pequeno investidor e do grande especulador. Não se trata aqui de discutir se o BC agiu cedo ou tarde, mas de uma situação em que o governo tem de intervir e evitar a bradeira de bancos.

Fusão de empresas — A questão é delicada. Existe uma discussão prévia à concessão ou não de um empréstimo do governo para estimular a fusão e incorporação de empresas: a estrutura empresarial brasileira, fortemente centrada em empresas familiares, onde é clara a resistência em abrir o capital.

O mercado de capitais pode fechar muito pela indústria e pelo comércio; o problema é convencer os donos a abrir o capital. Preciso profissionalizar as questões empresariais. As empresas que optaram por terceirizar a administração dos negócios conseguiram um excelente resultado econômico-financeiro.

Colaborou Riomar Trindade.

TODOS OS SETORES DEVEM MOSTRAR ATUAÇÃO UNIFORME, SEM SOLAVANCOS